

Em geral, — seja dito aqui muito e em segredo, — só tem senso comum, só é pessoa de juízo, quem é do nosso perecer.

S. Ferreira

ANO V — N.º 132

SETEMBRO

8

1 9 5 7

AVENÇA



Biblioteca Nacional



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

Polícia Rural

O direito de propriedade foi e é uma das características dos regimes capitalistas em oposição ao comunismo integral. A ordem social assenta sobre esse direito, o qual, para se tornar efectivo tem de ser respeitado.

Ora sucede que, em determinadas zonas do concelho de Loulé está-se a perder a noção do respeito pela propriedade alheia, já invadindo-a durante o dia e a noite com rebanhos de gado, já assaltando essa mesma propriedade com propósitos de roubo. Vamos hoje ocuparmo-nos de Salir, a maior freguesia do concelho e aquela talvez que mais se presta às nossas considerações.

Em cada lugar da freguesia há, por via de regra, uma ou duas tabernas cujo negócio varia de amplitude segundo os circunstâncias, e compreende desde a taboagem pura e simples até ao negócio de compra de frutos secos. Estas tabernas são frequentadas durante o dia por matulões que ali se entretêm a jogar as cartas, umas vezes para cigarros, outras para dinheiro; à noite predomina esta última modalidade. Com a falta de mão de obra que se vem notando nos campos parece, à primeira vista, estranho que homens válidos se entretêm a jogar as cartas durante o dia enquanto que outros vagabundeiam pelos campos disfarçados em caçadores, munidos de varapau, furão e cães, quer haja defeso ou não. Se a pes-

Inauguração do monumento a Bernardo de Passos

CONVITE

Realizando-se em S. Brás de Alportel, no próximo dia 15 do corrente, pelas 10 horas, sob a presidência do Excelentíssimo Governador Civil do Distrito, Senhor Dr. António Baptista da Silva Coelho, e com a presença de outras altas entidades da Província e Representantes da «Casa do Algarve» em Lisboa, as cerimónias da inauguração e entrega à Câmara Municipal de Alportel do Monumento erigido, na referida vila, ao insigne Poeta Bernardo de Passos, seu glorioso filho, a Comissão Executiva do dito Monumento e a «Casa do Algarve» convidam todos os amigos e admiradores do homenageado a abrilhantarem tais actos com a sua presença.

Lisboa — Casa do Algarve, em 5 de Setembro de 1957

O Presidente da Comissão,
Dr. José Guerreiro Murta

Ruidos incómodos

Muitos dos nossos leitores desta vila pedem-nos que chamemos a atenção das autoridades para o que se passa quanto aos ruidos dos motores de bicicletas e de camions a horas em que seria normal — e necessário — o sossego e o silêncio.

Não faz sentido que, para não perturbar o sono e o repouso daqueles que, depois de um dia de trabalho, têm jus a umas horas de descanso se tenha proibido o uso

soa que depara com eles precisar dum trabalhador e se lhes falar nesse sentido, ouve como resposta mais ou menos isto: a minha jorna são cinquenta escudos, por menos não trabalho. E de facto não trabalham, e não trabalhariam mesmo que lhes oferecessem o dobro. É que em chegando a noite toda aquela malta, sobretudo na presente época, se arma de saco ao ombro e lança-se no roubo de frutos secos, amendoa e alfarroba, devastando propriedades inteiras, numa desfaçatez que causa arrepios, chegando mesmo a fazer frente aos respectivos donos correndo-os à pedrada ou por outros meios de agressão. Para isso operam geralmente, em grupos de dois e de três.

Estes malfeteiros qualificados têm os seus cúmplices, indivíduos estes a que me abstenho de qualificar, pois esses cúmplices são todos aqueles que compram tais roubos, são determinados bolanceiros que se intitulam

(Continuação na 4.ª página)

Dos meus apontamentos...

Maria de Lourdes Resende

— essa minha «colega»...

Não estranhe o leitor eu chamar colega à «diva N.º 1 da nossa rádio. É que nós somos «colegas de repartição. Um e outro temos os nomes registados no mesmo «livro de pontos».

Normalmente, nas repartições de registo civil, os registos de nascimento são os «livros de pontos», a que não podemos faltar — para além da tolerância concedida — assinalando a nossa entrada na... Vida, à hora exata.

As nossas «mãos» os padrinhos, que assinam, por nós, a presença no mundo, à hora exata da entrada, escondendo o analfabetismo com que somos admitidos nessa repartição.

Ambos nascemos no Barreiro, e o bairrismo é o nosso mais íntimo parentesco. Somos barreirenses de antes quebrar que torcer no nosso acrisolado amor por essa «pequena pátria» de 30.000 habitantes, miniatura das pátrias, à imagem de Andorra ou do Mónaco.

Maria de Lourdes Resende, que conheci, acidentalmente, à mesa do Café, entre dois cafés, é uma simpatia de rapariga. Não é bonita, como a Willian, a Lollobrigida, a Rita, nos seus recortes de espadas de gala, mas é adorável, sobretudo aos olhos deste seu «colega» de repartição.

A Resende sabe cantar e sabe dizer. Se no canto é uma «diva» no fraseado é um Vilaret.

Nada mais prático para cami-

A posse do novo

Presidente da Câmara

Revestiu-se de extraordinária concorrência o acto de posse do nosso velho e prezado amigo sr. José João Ascensão Pablos, o cargo de presidente do município que lhe foi conferido no salão nobre do Governo Civil pelo ilustre Chefe do Distrito, no passado dia 3 do corrente.

Com aquela vasta sala literalmente cheia por uma assistência selecta, constituída por altas figuras da política, de administração, do funcionalismo e de inúmeros amigos do empossado quer de Faro quer desta vila, de onde se deslocaram, e, algumas senhoras, foi lido o auto de posse, pelo Dr. Arnaldo Fagundes Peres, em substituição do sr. Secretário Geral do Governo Civil, após o que usou da palavra o sr. Dr. Baptista Coelho.

O Chefe do Distrito começou por agradecer a colaboração do presidente e vice-presidente cessantes, Dr. Maurício Monteiro e o nesse

momento empossado, salientando a dedicação deste último que ia confirmar-se pelo exercício da presidência efectiva. Aludiu à recente criação da escola técnica, como execução do programa em que fora prevista e virtualmente fundada em 1945 e ao próximo início dos trabalhos de electrificação do concelho, factos que denotavam que Loulé prosseguia na senda do seu progresso.

Referiu-se à próxima campanha eleitoral, confiando em que, sob a orientação do seu presidente, o concelho continuaria a ser verdadeiro reduto nacionalista.

Finalmente exprimiu a sua confiança nas qualida-

(Continuação na 4.ª página)

Cortejo de Oferendas

a favor do Hospital de Loulé

Quem visite hoje a parte nova do nosso Hospital Sub-Regional, verifica com o maior orgulho e aprazimento que ali se tem a sensação de estar num estabelecimento de Assistência modelar já imensamente distante dos tempos em que havia quem tivesse escrúpulos de ir para o Hospital.

Hoje são ricos e pobres, pessoas de qualquer categoria social, que acorrem ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia para ali procurarem alívios aos seus padecimentos quer eles sejam de

natureza clínica, quer cirúrgica.

São ainda as parturientes quer sejam ricas ou pobres que ali vão ter os seus partos sabendo, de antemão, que contam com assistência proficiente quer clínica, quer terapêutica, quer no pessoal de enfermagem.

Além destas magníficas instalações temos a sorte de ter à testa do Hospital como seu Director Clínico, um bom técnico e dos maiores peritos operadores, utilizando os mais aperfeiçoados processos da moderna cirurgia, usando de ritual e calma impressionante, que dão aos doentes a maior serenidade, confiados na prodigiosa delicadeza das mãos e na já acentuada habilidade de corte.

Mas há ainda por fazer uma grande obra para que o Hospital de Loulé, se possa considerar totalmente perfeito. É a modernização da

(Continuação na 2.ª página)

Cartas ao Director

Um serviço combinado mal organizado

Afim de tentar averiguar o destino de uns artigos que esperava e não recebi em devida data, fui há pouco ao lugar onde são guardadas as encomendas despachadas pelo Caminho de Ferro para esta vila.

Já me tinham falado nas péssimas condições em que essas encomendas são arrecadadas, mas não acreditara inteiramente por me parecer que haveria exagero nessas afirmações.

Afinal tive ensejo de verificar que ainda é pior do que me haviam dito.

Aquele mal-alinhado «depósito» que às vezes aparece citado pelos respectivos serviços com o pomposo nome de Armazém, mais não é que um redutidíssimo cubículo onde as encomendas são amontoadas de qualquer maneira.

Amontoadas... e atiradas...

É certo que este serviço está a cargo de um rapazola sem qualquer noção da grande responsabilidade que representa o manuseio de tantas encomendas, na sua maior parte valiosas e quantas vezes frágeis, e a pouca idade desse encarregado explica talvez em parte tamanho desmazelo.

Explica... mas não justifica...

Como também explica talvez as «buscas» que permite a muitos clientes, que lá vão com o pretexto de procurar a «sua» encomenda e aproveitam impunemente a oportunidade para vasculhar nas encomendas «dos outros» os remetentes, a proceden-

(Continuação na 4.ª página)

TEMAS SOCIAIS

Liberalismo e socialismo económicos

Quem meditar sobre as diferenças entre o liberalismo e o socialismo, sob o ponto de vista económico, pode chegar a conclusões deveras interessantes.

O liberalismo político criado pela Revolução Francesa de 1789, trouxe modificações importantíssimas de carácter social porque, impulsionando a livre iniciativa na criação da riqueza pelo trabalho e assegurando a sua expansão e desenvolvimento, deu origem à propriedade privada dos obreiros, dos industriais, dos comerciantes e o consequente apego à mesma riqueza que ia sendo criada, mercê do esforço individual, familiar ou colectivo. Elevou o patriotismo dos povos às mais sublimes exaltações porque a Pátria-Mãe era o conjunto e o somatório de todas as economias privadas, ajustadas à terra, à oficina, à fábrica ou à família. E a par desse apego material ao que cada qual ia criando e desenvolvendo, surgia o apego espiritual

do encantamento na contemplação de toda a riqueza que o povo criava e materializava em objectos da sua devoção e apego.

No casario das aglomeradas populacionais, nas curvas das cumeadas dos montes e serranias, no murmurio das águas correntes, no bater das Avé-Marias dos campanários, na evolução espiralada do fumo à tardinha das chaminés dos lares tranquilos e felizes se embestia a vista e se enlevava a alma, após dias de labor intenso e contentamento venturosos.

Dizer-se a qualquer que havia de perder esse objecto ou esse motivo dos seus encantos, fosse propriedade sua ou alheia, que tanto faria, pois seria pertença de outro ser igual a si, de um concidadão, de um amigo, representaria o mesmo que tirar-lhe a vida, a família, a alegria de viver, tudo enfim que constitui a razão de ser e de existir.

Até à primeira grande guerra mundial, aí por 1914, as coisas passavam-se mais ou menos assim. O ideal dos povos era a pátria, a liberdade, o sossego do lar.

(Continuação na 3.ª página)

Rádio-rastreo em Loulé

Têm sido bastante numerosos os louletanos que acorrem a utilizar os serviços de rádio-rastreo que desde há dias se encontram em Loulé. Demonstram assim que compreendem a enorme utilidade destes serviços, que em boa hora a A. N. T. tomou a iniciativa de, gratuitamente pôr à disposição de todos os portugueses.

A propósito, informamos os nossos prezados leitores que para maior conveniência do público os referidos serviços se encontram instalados na nossa vila junto ao Mercado Público, do (lado nascente), e não próximo do Monumento a Duarte Pacheco, como a princípio se resolvera e havíamos noticiado.

Como é já no próximo dia 11 que os referidos serviços deixam Loulé, lembramos a todos quantos não os tenham ainda utilizado a grande conveniência de o fazerem até àquela data.

Boliqueime em Festa

Brilhantes festejos se realizam em Boliqueime nos dias 28 e 29 do corrente, em honra de Nossa Senhora das Dores e de S. Luís. O respectivo programa inclui além das cerimónias religiosas, vários números de agrado certo para o público que acorre largamente às festas de Boliqueime.



PRAIA DE QUARTEIRA

Quarteira, atravessa presentemente o seu apogeu de veraneio. Há muito que não nos recordamos de condições tão propícias a um bom aproveitamento da época calmosa.

O calor, que se tem f eito sentir de forma tão duradora, torna particularmente aprazível a permanência na praia.

O aspecto recreativo recebeu especiais cuidados a Junta de Turismo que, em boa hora, contratou a dinâmica orquestra Pax-Júlia. É de toda a justiça salientar a animação que a mesma tem imprimido, organizando festivais quase todas

as noites, sem «estrelas» nem agrupamentos artísticos em regra onerosos à organização e aos frequentadores e, tão somente com o aproveitamento do entusiasmo da irrequieta juventude veraneante que, de alma e coração, tem colaborado nos vários concursos organizados. Assim, a valsa, tango e «rock and roll» a prémio, redundaram em êxito absoluto, pelo ardoroso entusiasmo posto pelos concorrentes em despique, despertando na assistência um interesse como poucas vezes se terá verificado.

Assim, resultou brilhante a festa da Orquestra realizada na passada Sexta-feira,

(Continuação na 2.ª página)

9 SET. 1957

«Loulé... em retrato»

A Mariazinha era uma rapariga que nunca tinha visto a Praia e o mar só ao longe, a muitas dezenas de quilómetros.

Nascida na Serra, lá para o alto, entre penhascos e silvedos, mal conhecia das terras civilizadas — ou que assim se dizem — o Dogueno, o Ameixial e já uma vez a tinham trazido ao Miradouro do Caldeirão, em dia de Maio.

Falavam-lhe que lá para os Algarves, a vida era diferente. Não se guardavam porcos, as cabras eram raras e as terras boas, em vez de ser de pão, eram de figos, amendoas e alfarrobas. Diziam-lhe que havia praias onde os homens e as mulheres andavam quase nus, o que lhe fazia muita espécie, pois quando as saías adregavam de subir aos joelhos, jogava-lhes logo a mão a rebaixá-las.

Contavam-lhe como eram os fatos de banho e às vezes punha-se a cismar se tal miséria de roupa cobriria totalmente as partes do corpo que ela considerava mais pudendas e recatadas.

E isto de entrar no mar e nadar, fazia-lhe tanta confusão como o dizerem-lhe que os homens

se metiam num barquinho e iam aos seus destinos — como quem vai por estrada nova — por cima do mar.

Não fazia ideia alguma de como tudo isto era. E julgava-se deprimida por não saber tanto como as outras que já haviam tido ocasião de apreciar estas coisas estranhas.

Pois bem: A Mariazinha veio até à Praia.

Trouxeram-na umas vizinhas, — as sr.^{as} Silvínhas, — que por serem doentes careciam da sua ajuda, dos seus cuidados.

Fez a sua trouxinha, uma esteira de tabúia enrolada, uma mantinha de papa, daquelas tecidas ainda na roca, uma bolsinha branca com a comida e dois vestidos e aí vai ela à aventura até à Portela onde era a paragem das camionetas.

Que mundo novo se ia abrir diante dos seus olhos!

Vinha cheia de receios, de preocupações, mas a maior era de disfarçar o seu espanto não fosse julgá-la uma «parola». Queria ver, apreciar e gozar mas não queria de forma alguma dar espectáculo.

Logo na camioneta, onde por azar ficara separada das vizinhas, quando o cobrador lhe perguntou para onde queria o bilhete, respondeu: — «Para o Banho»!

— E para Quarteira? insistiu o cobrador.

— Sim, deve ser isso. Mas o senhor «procure» além daquelas senhoras que elas já lhe dizem bem como é!

Fazia-lhe muita espécie tudo isto. Vinha muito preocupada por lhe terem posto as coisas no telhado da camioneta. E se aquilo caía ao chão, como é que eu me arranjo?

Os sapatos novos que comprara na loja do sr. Duarte, moriam-lhe os pés habituados às tancas cardadas.

Tinham salto de cunha e parecia-lhe que os pés estavam a correr para baixo, para o lado da ponteira, de forma que era aí que apertavam mais.

Lembrou-se de soltar os pés e sentiu-se mais à vontade.

Viu depois passar o Ameixial, os Besteiros, Vale da Rosa, a Cortelha, o Barranco do Velho...

Isto já cheirava a Algarve!

No Barranco viu muita gente a mudar de camioneta, mas ela não se atrevia a sair dali, porque as suas coisas estavam por cima dela.

As vizinhas lá lhe disseram que tinha de passar para a outra camioneta. E a Mariazinha por pouco não perde o sapato que tinha fugido para debaixo do outro banco.

Em Loulé ficou pasmada.

Que largas e belas ruas e tanta gente! Logo lhe disseram que tinha de passar para outra camioneta e aquilo aborrecia-a imenso com medo que as coisas levassem descaminho.

Por fim ia realizar-se o seu sonho: Ia ver o mar, ia ver as tais mulheres e homens nus ou quase nus!

Enfim chegara a Quarteira!

Foi preciso ir pôr logo as coisas no «quartel», um cubículo de 3 por 2 metros, só com uma porta, onde tinham de dormir, viver e cozinhar as 3 pessoas. Depois foi um passeio de reconhecimento ou exploração.

Tanta água, Deus do Céu! mas quem é que se atrevia a ir para o pé do mar se ele corria ainda para as pessoas!

Sempre do lado de dentro das vizinhas não fosse o mar buscá-la. Ela já tinha ouvido dizer que o mar comia muita vida. Mas que fazia aquela gente toda sentada na areia por detrás de uns panos brancos?

E não via ninguém nu, nem da forma que lhe haviam pintado... Julgava-se enganada, mas não

(Continuação na 3.ª página)

PENSÃO

Casa particular em Loulé, dá pensão a alunas do colégio ou a empregadas, para serem tratadas como família.

Nesta redacção se informa.

MONTRA

Vende-se armação de montra, incluindo o respectivo vidro.

Tratar com Vital Campina Mealha — Loulé.

VENDE-SE

UMA CASA com frente para a Avenida Marçal Pacheco e Rua Eng. Duarte Pacheco, com 6 divisões e armazém.

Tratar com José Águas Pereira — LOULÉ.

Praia de Quarteira

(Continuação da 1.ª página)

na qual foi eleita a «Miss da Praia» a menina Irene Maria Serrano, de Faro.

Na mesma esplanada exibiu-se a famosa artista Maria de Lourdes Resende, acompanhada ao piano pelo maestro Nóbrega e Sousa, os quais deliciaram a assistência com a sua arte.

É justo frisar a gentileza dos dois artistas que com assinalada boa vontade satisfizeram todos os pedidos de canções, formulados pela numerosa assistência. Bem hajam, pelos deliciosos momentos que nos proporcionaram.

Realizou-se na mesma noite o concurso para a escolha da letra da canção da Praia de Quarteira. O júri, constituído pelos srs: José

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Cortejo de Oferendas

(Continuação da 1.ª página)

sua ala esquerda que se mantém ainda quase na miséria primitiva. É a parte da enfermaria dos homens e os velhos anexos, que ainda cheiram a bafio e tresandam a ruínas, com os seus telhados rotos e espedaçados, os soalhos cheios de buracos, os trincos das portas sem fechar, as paredes rachadas, os tectos abaulados.

É um autêntico escarro, ao lado da outra parte onde se respira um ar garrido e asseado, onde podemos levar, sem receio de corar, qualquer pessoa de qualquer parte do País e de qualquer categoria.

É muito menos a obra a fazer do que a já feita e aos louletanos tão amigos de mostrar que têm grandes faculdades de realização e compreensão cumpre fazer tudo para que se consigam os meios de remodelar esta parte para que a maravilha seja total.

É urgente esta obra! Dispõe a Santa Casa de algum capital para esta remodelação, mas não é ainda o suficiente.

Um cortejo de oferendas, feito com o alto significado de concluir as obras do Hospital de Loulé, tem de ser bem aceite por todo o concelho.

Nós que conhecemos a generosidade e o espírito de solidariedade humana que tem presidido a tantas Batalhas de Flores e outras festas beneficentes daqui lançamos a ideia certos de que ela frutificará em meios materiais que permitam completar uma obra que reclama imediata e breve conclusão.

o-o-o-o-o-o-o-o-o-o

Écos do AMEIXIAL

Com a presença do Sr. Bispo do Algarve, realizou-se no pretérito dia 1 os tradicionais festejos em honra de Santo António S. Luís, S. Sebastião e Nossa Senhora de Fátima.

Pouco antes da missa teve lugar no Adro da Igreja uma sessão solene, presidida por Sua Ex.^a Rev.^a o Sr. Bispo do Algarve, ladeado pelo sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves, que representava o Presidente da Câmara Municipal de Loulé, pelo Regedor da freguesia, pela sr.^a D. Adelaide da Conceição Vargas, professora, e pelo presidente da Junta de Freguesia.

Nesta sessão foram proferidas sinceras palavras de homenagem ao Reverendo Padre Moreira, pelo seu abnegado esforço em prol do povo do Ameixial, que a ele ficou devendo o restauro da sua Igreja.

A sr.^a D. Adelaide da Conceição Vargas, num breve e eloquente discurso teve palavras muito elogiosas para o sr. Padre Moreira, oferecendo-lhe em seu nome e de todas as regentes escolares da freguesia a fotografia do homenageado que foi colocada no salão grande da Escola recentemente reconstruída.

No final o senhor Padre Joaquim Fernandes Moreira agradeceu a todos as palavras elogiosas que lhe dirigiram e que ele julgava merecidas.

Augusto Teixeira

João Pablos, Major Bitá, Dr. José Trindade, Francisco de Sousa Pontes, e Valêncio Beziga, atribuiu o prémio à produção apresentada pelo sr. Arquitecto Hermínio de Oliveira, de Faro e que a seguir publicamos, para conhecimento dos nossos leitores:

CANÇÃO DE QUARTEIRA

Coro

Ó minha praia
Tão moreninha,
De ti me orgulho
Mais que ninguém;
Linda Quarteira,
Es a rainha
De quantas praias
O mundo tem!

O Algarve é todo encanto,
Mas não tem, de lés-a-lés,
Onde o mar o prenda tanto
Nos abraços das marés,
— Porque Quarteira engrinalda
A fronte desse mar alto,
Que, a seus pés, é verde-esmeralda

E no largo, azul cobalto.

Coro

Ó minha praia... etc.

Ó mar de franja branquinha,
Que a praia de beijos cobres!
Se a espuma fosse farinha,
Que ricos eram os pobres!
Quarteira! Terra de fadas!
De casario a alvejar!
— As pedras foram lavradas
Na pedreira do luar!

Coro

Ó minha praia... etc.

Olha a procissão das velas,
Pescando à rede e ao candeio!
— Lembra uma linha de estrelas,
Que divide a Pátria ao meio!
Ó morenas raparigas
Que andais na faina a cantar!
Até nas vossas cantigas
Há qualquer coisa do mar!

Coro

Ó minha praia
Tão moreninha
De ti me orgulho
Mais que ninguém:
Linda Quarteira,
Es a rainha
De quantas praias
O mundo tem!

Um dos dois

Ruídos incómodos

(Continuação da 1.ª página)

listas cujos veículos circulam com o escape aberto. Porque não se sujeitam as bicicletas ao mesmo tratamento?

Bem o merecem em homenagem ao direito que cada um tem ao sossego e ao repouso, tanto mais que há ciclistas que, talvez para se darem à ilusão de cavalgarem potentes motocicletas mandam modificar os escapes das suas máquinas para os tornarem mais estridentes e ruidosos.

Porque é que esses cavaleiros, que por tabernas, casas de jogo, bailes ou coisa que lhes valha, se demoram fora de casa e, sem respeito pelo sono alheio, atravessam a vila às 3, 4 e 5 horas da manhã, acordando toda a gente, não hão-de ser proibidos a não utilizar os motores das bicicletas dentro da vila?

O mesmo se passa com os camions que, estacionam em qualquer parte até à hora de seguir viagem (quase sempre às 4 ou 5 horas da manhã).

São 10 ou 15 minutos de aquecimento dos motores a perturbar o silêncio de toda a gente num raio de 50 metros pelo menos.

Tem pois razão os nossos leitores e em seu nome pedimos à Câmara Municipal e à P. V. T. que tomem as providências adequadas, a primeira pela promulgação de um regulamento de trânsito e estacionamento e a segunda pela aplicação justa, mas rigorosa da lei. Este estado de coisas é que não pode de forma alguma manter-se.

Notariado Português

Secretaria Notarial de Loulé

Praça da República, número cento e quatro, primeiro andar. SECÇÃO DO NOTÁRIO JOSÉ ALVES MARIA, LICENCIADO EM DIREITO.

CERTIFICO: Que a folhas seis, do livro de notas para actos e contratos entre vivos, de valor indeterminado ou superior a mil escudos, excepto partilhas, número cento e setenta e sete, se encontra a escritura do teor seguinte:

No dia trinta de Agosto de mil noventa e cinquenta e sete, nesta vila de Loulé e Secretaria Notarial, sita a Praça da República, número cento e quatro, primeiro andar, perante mim, José Alves Maria, notário da referida Secretaria, e as testemunhas, minhas conhecidas, adiante nomeadas, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO — Anibal Dias da Silva, casado, professor primário oficial, na situação de licença ilimitada, natural da freguesia e concelho de Portimão;

SEGUNDO — Sebastião Viegas Martins, casado, comerciante, natural desta vila, freguesia de S. Sebastião. Ambos os outorgantes são moradores nesta vila e pessoas cuja identidade certifico por conhecimento directo.

E por eles foi dito:

Que, por esta escritura, constituem uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — Adopta esta sociedade a firma SILVA & MARTINS, LIMITADA, tem a sua sede em Loulé, e o domicílio vai ser na Rua Primeiro de Dezembro: números trinta e dois e trinta e quatro, e o seu objecto é o comércio de miudezas por grosso, ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

SEGUNDO — Conta-se o seu início a partir de um de Agosto do corrente ano e a sua duração é por tempo indeterminado.

TERCEIRO — O Capital social, integralmente realizado em numerário é de cem mil escudos, e corresponde à soma das seguintes cotas: cinquenta mil escudos do sócio ANIBAL DIAS DA SILVA e cinquenta mil escudos do sócio SEBASTIÃO VIEGAS MARTINS.

PARÁGRAFO ÚNICO — Qualquer dos sócios poderá fazer suprémentos à sociedade quando esta deles necessite, com ou sem juros, conforme for entre eles acordado.

QUARTO — Os sócios obrigam-se a não desenvolver individualmente, ou de cooperação com outrem, os mesmos ramos de actividade explorados pela sociedade, sob pena de ao contraventor ser amortizada a respectiva cota pelo valor do último balanço.

QUINTO — Ambos os sócios são gerentes com, ou sem remuneração, conforme for deliberado, com dispensa de caução, e representarão a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, mas ela só ficará obrigada quando os respectivos actos e contratos sejam assinados pelos dois sócios, bastando, porém, a assinatura de um deles para aceitar letras e em assuntos de mero expediente.

PARÁGRAFO ÚNICO — É expressamente proibido assinar em nome da sociedade quaisquer documentos estranhos aos negócios sociais nomeadamente, letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, respondendo o contraventor desta disposição pessoalmente perante a sociedade por todos os prejuízos que lhe advierem, e pelas obrigações assim assumidas.

SEXTO — No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, os direitos do falecido ou interdito serão exercidos por um só dos respectivos herdeiros ou representantes, escolhido por acordo entre eles e indicado à gerência da sociedade.

PARÁGRAFO ÚNICO — Desde que os herdeiros do falecido ou representantes do interdito desejem abandonar a sociedade, será a sua cota adquirida por esta e paga a pronto ou em prestações trimestrais, durante o prazo de dois anos pelo valor resultante do último balanço efectuado antes da morte ou interdição do sócio, acrescido da importância que lhes deveria caber como dividendo, em relação aos meses decorridos do ano social, calculado como base no balanço anterior ou efectuar um inventário para esse efeito.

SETIMO — Entre os sócios é livremente permitida a divisação e cessão de cotas, dependendo a cessão a estranhos do consentimento do outro sócio, o qual se reserva o direito de preferência.

OITAVO — Os balanços sociais serão encerrados com relação a trinta e um de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos por eles apurados, deduzida a percentagem de cinco por cento para formação ou reintegração do fundo de Reserva legal e quaisquer outras percentagens para outros fundos que a sociedade resolva criar, ou os prejuízos serão distribuídos ou suportados pelos sócios na proporção das suas cotas.

NONO — No caso de dissolução, serão liquidatários os gerentes, procedendo-se à liquidação e partilha, conforme for acordado e de direito.

DÉCIMO — No omissio regularão as disposições legais aplicáveis.

Loulé, 31 de Agosto de 1957

O Notário,
José Alves Maria

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

Faro, 21-VII-1957

António Augusto Santos

«Loulé... em retrato»

(Continuação da 2.ª página)

perguntou nada, pois não queria que lhe chamassem tola. As vizinhas, que já tinham vindo várias vezes tomar o banho, iam-lhe explicando, ciceroneando, o que sabiam da vida da praia. Aquela gente era gente rica que de tarde vinha sentar-se nos toldos para falarem dos casos que se passavam na praia, da parte da manhã, das criadas que na véspera entraram em casa às 2 da manhã, do vestido que fulana trazia, das rendas que estavam fazendo, do preço do peixe e da carne e na generalidade da gripe asiática, ou da Comissão de Turismo e da Câmara.

Assim se entretinham, e no outro dia ela viria então o resto... Comido o jantar recolheram-se ao cubículo pois teriam que ir ao banho muito cedo como era da tradição pois a gente rica só tomava banho com água assoalhada para não ter frio, mas a água assim não tinha a virtude de curar o «reumático e as herpes» que as manas Silvas tinham nas pernas.

Uma coisa preocupava muito a Mariazinha. Porque seria que um rapaz — bem geitoso, por sinal — dissera quando ela passou: — «Olha aquela é inglesa!»

Seria que ela se parecia com essas estrangeiras de que já tinha ouvido falar algures?

— Tu tens também que tomar banho com a gente para nos ajudarmos se a gente cair, disseram-lhe as Silvinhas, no outro dia, antes do nascer do Sol.

— Vestes o teu vestido por cima da combinação e quando formos para a água ficas só com esta. Toma lá o lençol que é para a gente «e despir e limpar».

As Silvinhas, a Mariazinha e as primas do «Valado» que estavam no mesmo quartel, mais umas senhoras e um senhor das «Descabegadas», iniciaram a sua excursão para o banho.

A Mariazinha queria levar os sapatos, mas quando viu que ia tudo descalço rejubilou.

Não lhes conto o que foi o batismo do mar da Mariazinha! A água fazia-a cair, a combinação molhada apegava-se ao corpo, às vezes, quando caía, fugia-lhe para a cabeça e deixava o corpo todo à mostra, aquele corpinho virgem de um banho integral. Já quase que compreendia como é que as mulheres mostravam o corpo.

— Ao meio dia foi ver o banho fino. Como é que aquelas raparigas e rapazes, mostravam as pernas e o corpo com tanto à vontade, tão grande descaramento!

Mas deu em cogitar que com aqueles fatos tão curtos, tão justinhos ao corpo não se conseguia ver o que ela mostrava, na manhã, quando a combinação voava para a cabeça ou deixava descair uma alça.

E a Mariazinha serrenha, começou a pensar que o seu corpo, não era mais mal feito do que o de muitas que vira em fato de banho, que as suas pernas eram tão roliças e firmes, como muitas que se estendiam na areia, que as suas ancas e a sua cintura realçariam muito mais com um fato de banho justinho.

Indagou onde se vendia um fato de banho, quanto custaria e pediu às Silvinhas que lhe adiantassem cinquenta escudos para ir à loja do Chico comprar um fatinho de malha às riscas.

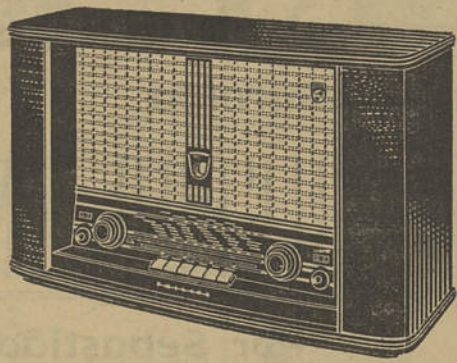
Pobre Mariazinha! Voltou civilizada!

REPORTER X

PHILIPS

A GRANDE MARCA DE RENOME MUNDIAL

Modelo BX-758-A



2

Esc. 3.850\$00

Qualquer que seja a marca e estado, o seu velho rádio valerá 750\$00, em troca com este modelo

Consulte o Agente oficial da Philips

José Guerreiro Martins Ramos

Rua de Portugal, 31

LOULÉ

RÁDIOS PORTÁTEIS TRANSISTORIZADOS (baixo consumo)

AUTO-RÁDIOS / RÁDIOS para corrente / RÁDIOS desde 1.595\$00 / desde 1.095\$00 / para bateria

Rádiorafogramas, Gira-Discos, Aspiradores, Enceradoras, Máquinas para barbear

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Trespassa-se

Estabelecimento comercial, de mercearias e vinhos, com toda a existência e mobiliário.

Tratar com Viuva de José Joaquim Laginha — Rua da Barbacá — Loulé.

HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

PIPAS

Compram-se em bom estado.

Informa a redacção deste jornal.

Propriedade

VENDE-SE propriedade com casas de habitação, cisterna e anexos, com muito arvoredo, no sítio de Poço Novo — Almancil. Tratar com Francisco Viegas, Poço Novo — Almancil.

Trespassa-se

a antiga

Pensão CASTANHO LOULÉ

Onze válvulas Receptor Biamply (isento de distorção)

Mal empregada LÍNGUA

(Continuação da 4.ª página)

Camões nunca poderia ter escrito com tanto primor e beleza o seu imortal poema se não dispusesse duma língua rica de vocábulos.

Estes e outros honrosíssimos factos históricos, indiscutíveis, deviam encher-nos de justificado orgulho, criar-nos a consciência sólida do nosso valor e o amor para nos batermos com denodo na defesa dum tal bem pátrio.

E que fazemos nós para mostrar ao mundo que dispomos de uma das mais ricas e expressivas línguas existentes?

Adulteramo-la, apenas, a toda a hora, com palavras inexpressivas de tatibitate que o estrangeiro nos manda.

Os jornais do desporto estão gafos de estrangeirismos.

Os objectos de uso comum que importamos, e são novidade, não se baptizam em português; entram e circulam livremente com os nomes de origem, embora pouca gente saiba o que eles significam.

Nas festas de aniversários é elegante cantar-se uma canção que os ingleses criaram para tal fim. E basta de citações que prometemos não fazer.

Mas, se todos estes amargos factos confessam o nosso pouco espírito de inventiva, o desprezo por nós próprios, um outro e recente fenómeno vem atestar o ridículo feito de macaqueação que devemos guerrear. A coisa é esta:

De vez em quando, um pacato vocábulo que se encontra muito distraído a descansar sentado sobre as páginas dum dicionário, dá nas vistas de um vasculador de raridades que o emprega nas suas línguas literárias.

Al acabou-se o sossego da infeliz palavra.

Automáticamente, trezentas mãos, a uma, agarram-lhe logo no virado e puxa para aqui, derrega para acolá, o triste vocábulo, sem ter mais um momento de sossego, anda num virote não dando mãos a medir do artigo para a reportagem, da reportagem para a crónica, desta para local, tendo de estar presente ao mesmo tempo em todos os jornais, revistas, gazetas e congéneres numa negra vida que não deseja nem ao seu maior inimigo.

Enquanto não se torna corriqueiro é amassado, soado, esmerilhado até ficar de língua de fora, irreconhecível. Depois de vulgarizado fogem dele como se transportasse a peste bubónica, deixando-o a descansar, às vezes, por mais de cem anos.

Coube agora esta má sorte ao adjectivo «descontraído».

Em toda a parte, a propósito de tudo e de nada, lá aparece embutido o desgraçado.

Já enoja ler-se: a equipa descontraída; o ciclista descontraído; o orador descontraído; a nadadora descontraída; o músico descontraído; o pintor descontraído; e não tardará que seja; a mulher da hortaliça descontraída; o pirotécnica descontraído e a gripe asiática descontraída.

Querem melhor? Como se alguma vez uma equipa pudesse sair vencedora sem contrair enérgicamente seus músculos no despiego, como se um ciclista espapaçado e descontraído à sombra duma árvore chegasse ao fim da prova.

Como querem movimento sem contracção?

Que coisa cretina se pretende então do desgraçado vocábulo?

Uma verdade apenas ressalta: o pobre vocábulo foi pura e simplesmente macaqueado, sem pensar.

Sebastião Leiria

Temas sociais

(Continuação da 1.ª página)

a tranquilidade própria e a da família, o bem estar social.

O liberalismo teria cometido excessos? É possível. Teria economicamente descaído na aviltação dos pregos e dos salários? É provável. Teria obrigado os operários a lançarem-se continuamente em paralizações colectivas de trabalho para conseguirem as suas reivindicações? É de presumir.

Porém que enorme diferença nas possibilidades que lhes restavam de se associar a outrem e criar uma independência, o seu bem estar, uma vida própria operosa e digna e o legítimo bem estar dos seus!

Que impedimento havia para que o operário ou o caixeiro se tornasse patrão, que o aprendiz se tornasse mestre, que o servo se tornasse senhor? Nenhum, a não ser a moral, o trabalho e a inteligência.

Se as pessoas tinham qualidades de trabalho e de inteligência tava-lhes aberto o campo a todas as honestas iniciativas. Viviam felizes, descansados e alegres.

Porém, após a primeira grande guerra as coisas tomaram outros rumos. As guerras, como se sabe, são e serão sempre convulsões graves na vida dos povos e com elas e por elas se criam novas concepções de vida, novas aspirações e novos ideais.

Surgiu a Revolução Russa em 1918 com todas as suas inevitáveis consequências. Sendo, como foi, uma revolução de tipo marxista, de tipo socialista total, os seus ideais, as suas concepções de vida e sociais são totalmente outras. Não há riqueza privada, não há liberdade de iniciativa, não há apego, amizade, carinho pelas pequenas coisas da vida, que são a base e o fulcro da felicidade dos povos.

Há o Estado, poderoso, onipotente e absorvente a dirigir e a mandar em tudo, nos corpos como nas almas, na propriedade como nas iniciativas. Tudo tem de se subordinar a um hipotético bem comum que ninguém acata, estima ou respeita. É o homem transformado em máquina, despedido de personalidade e vontade própria, é o homem transformado num elemento apagado e anódino da grande máquina geral que é o Estado, supremo dono, árbitro e senhor.

O Estado é uma concepção abstrata como a Pátria, mas esta tem de si o amor às pequenas coisas da vida, ao lar onde se vive, à terra em que se habita, ao cemitério onde repousam os entes queridos, e é muito diferente do Estado, senhor onnipotente que tudo abarca, friamente, materialmente, despedido de alma e de coração, que não concita à simpatia, não conquista o carinho, o amor que as coisas belas implantam na alma dos homens. É o Estado, seco, rígido, sem alma, sem ideal, sem espírito, materialista e mesmo ateu.

Ora o Estado, como ente abstrato, não se governa por si. Tem homens a dirigi-lo, a orientá-lo a administrá-lo. Sabido, como é, que por condição humana, ninguém julga que governa ou dirige pior do que outrem, nunca os dirigentes querem ceder o seu lugar. Isso gera as depurações, os golpes de estado, as eliminações puras e simples de uns dirigentes para a ascensão de outros. Não por processos normais e regulares, mas pela violência, pelo assassinio ou por outros métodos semelhantes. Os dirigentes, para se conservarem no poder, tem que criar guardas pretorianas, polícias especiais muito bem pa-

gas e outros sustentáculos iguais, de contrário terão os seus dias contados. Não é, não pode ser feliz, um povo que assim tem de viver. Os operários nunca poderão ser patrões, nunca poderão ter nada de seu, quais novos servos de gleba. Nasceram e morreram na mesma situação, pois é-lhes vedado ascender a qualquer lugar de mando ou de direcção. Só pelo suborno, pelo dolo, pela bajulação, pela traição, porque há sempre outros que se julgam com iguais, senão melhores direitos e não abdicam voluntariamente dos seus propósitos.

O socialismo económico é, como vemos, apenas uma poderosa máquina de que os homens são os carretos ou as engrenagens. E estas não param, não descansam, não podem descansar, pois tudo depende do girar contínuo dessa poderosa máquina.

Este estado de coisas resultou de outra revolução — a Revolução Russa. Que diferença porém dos ideais da revolução francesa, tanto sob o ponto de vista social como político. Esta criou ou re- vigorou o sentimento da Pátria, do lar, da família, de tudo quanto é bom e idealista na vida. Aquela obliterou o ideal de pátria, da família, da amizade e sincera, para em sua substituição criar o ódio, a traição e o interesse do dia que passa. Viu-se e tem-se visto como na martirizada França os estivadores dos portos se põem em greve para não carregarem os navios com mantimentos, armamentos e tropas para a Índia-China, ou para a Argélia. Não se importam com o honra, a dignidade da Pátria, da Família, da Nação. A tudo isso chamam o nefasto Capitalismo, e só pensam no dia decorrente, que a barriga lhes esteja cheia, que os prazeres os fartem, e não preparam o futuro incerto e duvidoso dos seus filhos. Quem vier atrás que feche a porta. Gosar plena e inteiramente o dia de hoje e mais nada é o ideal existente, uma consequência das ideais em voga, resultantes do socialismo marxista.

Entre estes dois extremos existem concepções políticas e económicas intermédias, como vimos na Itália, na Alemanha e em outros países, no intervalo entre a primeira e a segunda guerra mundial e ainda novas concepções liberalistas no campo económico, chamadas neo-liberalistas, surgidas após a última hecatombe nos países em que vigorava ou pretendia subsistir o sistema tão injustamente caluniado — o liberalismo económico.

A Humanidade não está por rém satisfeita nem tranquila e está em pronúncios de grande transformação social e política. É mais do que evidente.

Para onde caminhamos? Não se descortina.

Os augúrios ou os fados se encarregarão de nos dar a resposta.

Solimão Fagundes

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apoz obras de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazem muito espaço, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

Mais encorajados, os convivas sentaram-se, mas lá para muito perto do avô é que não se chegavam. Começou enfim a coisa a animar-se e o padrinho novo pôs sobre o prato da sua vizinha um grande naco de assado; esta cortou um bocadinho e pôs o resto no prato do vizinho, tocando-lhe ao de leve com o polegar para o soltar do garfo. Um disse que o melhor era levar outra vez a carne para onde tinha estado, mas o que é verdade é que tudo foi engulido e nova travessa começou a rodar. Enquanto o padrinho novo servia o vinho e a carne e os convidados se riam e lhe diziam que o dia era de muito trabalho para ele, a parteira andava às voltas com o chá doce carregado de açafrão e canela, oferecendo e dizendo a todos: «Se o aprecia é só dizer, está ali para quem o quiser». E quem dissesse que era apreciador, deixava-lhe chá no vinho e dizia que era assim muito mais saboroso e podia-se aguentar o álcool sem fazer dor de cabeça. Comeu-se e bebeu-se com vontade. Mas ainda não tinha passado bem o barulho que surge sempre, assim que aparecem novos pratos, já o silêncio se tinha de novo estabelecido. Bem se via naqueles sonâmbulos que todos os seus pensamentos estavam nas andanças aventureiras da prisioneira e com o rabo do olho iam espreitando lá surrelha para a trave atrás das costas do avô, não fosse o diabo abrir o batoque. A conversa tinha paralizado e ninguém sabia como encetá-la, quando um grito agudo pôs tudo em atalaia.

A madrinha quase tombara da cadeira porque uma mosca tinha voado do batoque e ela julgava que a aranha negra já mostrava as suas pernas. Mas tudo acabou numa risota forçada e o seu susto foi um pretexto benvindo para recomençar a história da aranha, pois logo que um caso nos tocou a valer na nossa alma, não é tão fácil separá-lo como parece.

«Ora escuta, primo» — disse o padrinho mais velho — a aranha nunca mais saiu do buraco e tem-se assim conservado há tantos centos de anos?

«Ora! Ora! com o que ele vem ainda», — disse a avó. O melhor é acabar com esta conversa, já se falou nisto toda a tarde. «Não sejas rabujenta», replicou o primo, falando todo o tempo nos parece pouco e o caso não vos prejudica nada, vocês não descendem da Cristiana. Não és tu que nos afastas o nosso pensamento deste assunto e, mesmo que não pudessemos falar nele, não falaríamos em nenhum outro e depois o tempo alongava-se demais. Conta meu caro, a tua velhota não nos impedirá de certo». «Bem! Se quereis exercer pressão, exerci-a; mas eu achava mais sensato não se puxar mais este tema, sobretudo agora que se avizinha a noite» — disse a avó.

Depois destas explicações, o avô começou e todos os rostos se retezaram. «O resto que sei não é muito mais, mas o que sei quero-o

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 26

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

dizer, porque talvez nos tempos de hoje alguém possa tirar daqui exemplos e prejuízo não me parece que o cause a muitos.

Vamos pois ao resto. Quando aquela gente soube que a aranha estava fechada e viu sua vida e haveres em segurança, imaginou-se logo no paraíso com o bom Deus a defendê-los e a sua bem-aventurança a bafejá-los e durante muito tempo tudo foi um mar de rosas. Os livros de Deus foram seguidos e os do Diabo foram banidos por completo; e até para mais harmonia tinham vindo para o castelo cavaleiros verdadeiramente cristãos com grande respeito à mão de Deus, que tratavam o povo com doçura e o ensinavam esclareciam e ajudavam.

A viga porém, era olhada com veneração, quase como uma coisa sagrada. Tremiam quando olhavam para ela, porque sabiam que era ali o cárcere da horrível aranha e pensavam que seria fácil soltar-se e começar de novo a sua faina devastadora com a ajuda do caçador negro. Viram que o poder de Deus é mais forte que o do demónio e em sinal de gratidão pela mão que deu a vida por todos, ajudaram os filhitos e construíram-lhe gratuitamente esta casa e na parede colocaram o madeiro com o batoque.

Os fidalgos não foram muito desta opinião para que não subsistisse o medo por muito tempo ou porque a aranha por acaso poderia irromper a na casa habitada; pois o pavor ainda pairava sobre a vizinhança. Só a velha avó não se atemorizava e era a própria a ensinar os seus netos. «Aqui está a aranha, fechada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo e enquanto estes três nomes tiverem aceitação nesta casa, enquanto se comer e beber aqui com o pensamento nestes Três Nomes Sagrados, podem estar certos de que a aranha não vos fará mal algum e não há acaso que a favoreça. Aqui a esta mesa nunca esqueçais a aranha atrás de nós; nem como Deus vos é necessário, nem quão poderoso Ele é. «A aranha levava-a assim a lembrar-

-lhes Deus e era o ponto de partida para rebater o diabo e preparar a salvação da alma». Se vos afastardes de Deus, «avisava a avó», mesmo que seja a cem horas daqui, a aranha poderá sair-vos ao caminho ou mesmo até aquele que osculou Cristina». As crianças, compreendendo isto, ficavam em casa, cresceram tementes a Deus e sôbre a casa estava a Sua bênção.

O rapazito que tão fiel e prestável tinha sido a sua mãe fez-se um varão querido de Deus e dos homens e achou mercês nos cavaleiros.

De coração bondoso e místico, ajudava os outros no seu infortúnio, como desejaria que os outros o ajudassem e onde as suas forças não chegavam para auxílio capaz, era um forte intercessor entre Deus e os homens. Foi abençoado com esposa piedosa com quem viveu em paz e felicidade e ambos foram chamados para o céu com uma morte suave. Os descendentes floresceram nas mesmas venturas, temendo a Deus e praticando sempre o bem.

Repousava em todo o vale a bênção de Deus e a felicidade reinava no campo e no estábulo e havia paz entre os homens. A terrível lição ficou gravada no coração dos homens e Deus era o seu arrião, — o que faziam, faziam em seu nome e onde um podia ajudar, outro não se fazia esperar. O castelo foi depois povoado por muitos cavaleiros, pois a luta na terra pagá era cada vez mais acésa e cada vez mais necessário mãos que pudessem combater, e aquele poderoso exemplo da sala dos mortos onde a aranha tinha exercido o seu poder, avisava-os de que Deus tem a mesma força sobre todos os que dele se separam, seja lavrador ou cavaleiro.

Assim desapareceram muitos anos de paz e felicidade e o vale ficou célebre pelos acontecimentos anteriores e pela sua prosperidade; depois. Boas casas se construíram e o seu recheio era abundante; nos baús havia ouro, o gado era abundante e o mais nédio dos arredores, as raparigas afamadas pela sua beleza e os rapazes pelo seu valor, fama que se não desfz de noite como a Jonas o seu arbusto de sombra, pois durou de geração para geração.

Precisamente como na pereira de mais abundante seiva e de maior força é que o verme se introduz e a come e faz murchar, assim acontece que onde a corrente de bênçãos divinas é mais caudalosa é que o germe da corrupção se introduz enfunando e cegando as criaturas a ponto de as fazer esquecer essas bênçãos por amor da riqueza.

Tornaram-se como os israelistas que, quando Deus os ajudou, o esqueceram por causa do bezerro de ouro.

(CONTINUA)

Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido
por Lei, vendem-se na

Gráfica Louletana

LOULÉ

A Voz da ALTE

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Setembro:

Em 7, o sr. João Manuel de Sousa dos Santos, residente em Almamil.

Em 9, o sr. Eng.º José Martins Farrajota.

Em 13, o menino José Jaime Rua Espadinha Galo.

Em 14, o menino Joaquim Manuel das Neves.

Em 16, a menina Marieta Mendes Delgado Pinto, a sr.ª D. Maria Luíza Vicente Duarte e o sr. Alvaro Guerreiro Lopes.

Em 17, a sr.ª D. Arminda Gonçalves Coelho Guia, residente em Grandola e o sr. José Victória Neto.

Em 18, a sr.ª D. Amália da Conceição Silva e o sr. Duarte José Guerreiro Pedro.

Em 21, o sr. Dr. José Jerónimo Guerreiro.

Em 22, o sr. Dr. Angelo Delgado, a menina Maria da Luz Raminhos Baptista, e os meninos Luis Filipe Estrela Leonardo e Firmino Mateus Lopes Guerreiro.

GENTE NOVA

— No passado dia 26 deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Cecília Mendonça, esposa do sr. João d'Aragão Moura, nosso prezado amigo e assinante.

A recém-nascida recebeu o nome de Ana Isabel.

Parabéns aos felizes pais e votos de longa vida para o bebé.

PARTIDAS E CHEGADAS

— A passar a sua temporada de banhos em Quarteira, sua terra natal, encontra-se o nosso prezado amigo e assinante sr. Major José Pontes Bitá, ilustre e dinâmico Presidente da Câmara Municipal de Almodovar, que se faz acompanhar de sua esposa sr.ª D. Maria das Dores Maio Pontes Bitá e de sua neta Maria da Guadalupe Messias Duarte, distinta aluna do Liceu de Beja.

— Também na mesma Praia se encontra, infelizmente sofrendo de uma fratura da clavícula, ocorrida em desastre de viação, quando se dirigia para aquela Praia, a sr.ª D. Maria das Dores Pontes Messias, filha daquela oficial e casada com o sr. Jacinto Messias Duarte, benquista comerciante em Almodovar.

— Acompanhado de sua família encontra-se entre nós a passar as suas férias, o sr. Dr. Francisco de Sousa Inez, nosso prezado amigo e assinante em Coimbra.

— Em cura de águas encontra-se nas termas de S. Pedro do Sul acompanhado de sua esposa e sogra, o sr. Dr. Aires de Lemos Tavares.

— De visita a seus pais encontra-se em Loulé a sr.ª D. Maria do Carmo Corpes Coelho.

— Em companhia de sua esposa encontra-se em Quarteira a passar a época balnear o sr. Professor João Boto Correia, nosso prezado amigo e assinante em Pero Pinheiro.

— De visita a sua família encontra-se em Loulé a sr.ª D. Constança Marques Fernandes, que acaba de concluir com alta classificação o Curso de Enfermagem.

— Vimos nesta, o nosso prezado amigo e assinante em Olhão sr. Rui Eduardo da Glória Centeno.

— De Faro, foi transferido para a Agência desta vila, do Banco Nacional Ultramarino o sr. Viriato de Passos Valente Santos, que desde há dias se encontra a prestar serviço nesta vila.

— Com sua esposa e filhos, deslocou-se a Loulé em gozo de férias o nosso prezado amigo e assinante sr. João de Brito Vicente, chefe de Delegação Geral

A posse do novo Presidente da Câmara

(Continuação da 1.ª página)

des do empossado cuja inteligência, dedicação e dignidade sabia estarem postas ao serviço da sua terra com a nobreza e a generosidade de um homem de bem pois como tal o classificava.

Usou da palavra o Dr. Manuel Mendes Gonçalves que em nome da vereação da Câmara de Loulé saudou o novo presidente, sob cuja orientação, como vice-presidente servira até então, a quem exprimiu a sua amizade e prometeu a mais franca e leal colaboração em prol do progresso e bom nome do concelho.

Finalmente o empossado agradeceu a confiança que a sua confirmação na presidência do município significava e, declarando não ter de apresentar qualquer programa, apenas prometia enviar todos os seus esforços para que o progresso material e moral das gentes do seu concelho continuasse, como sabia ser anseio de todos os bons louletanos.

Referindo-se à imprensa teve para ela palavras de justo apreço, como órgão da opinião pública e elemento indispensável para a ventilação dos problemas do concelho quer como apoio quer como meio de crítica, quando construtiva, dos actos da administração.

Os oradores foram muito aplaudidos e no final o novo presidente foi abraçado e cumprimentado por todos os presentes.

Ao nosso prezado amigo renovamos os votos por uma administração feliz e progressiva e a oferta do nosso apoio em tudo quanto possa traduzir-se em progresso municipal e desenvolvimento da consciência cívico-política do concelho.

Festas em ALTE

A aldeia mais pitoresca do Algarve está novamente em festa, nos próximos dias 17 e 18.

Realizam-se as tradicionais procissões em honra de S. Luís, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora da Assunção.

E isso é pretexto não só para várias cerimónias religiosas, que geralmente decorrem com brilhantismo excepcional, como também para várias manifestações populares como concertos, arraial, provas desportivas, etc.

do Norte do Instituto Luso-Farmacológico, residente no Porto.

— Com cura demora esteve em Loulé o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. António Alvaro Pires Guerreiro.

— Na companhia de sua família esteve em Loulé com curta demora o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. António Calçada da Silva, conceituado comerciante em Serpa.

Polícia Rural

(Continuação da 1.ª página)

comerciantes de frutos e que no fundo não passam de receptadores e participantes, pois de mais sabem eles que as amendoeiras e alfarrobas que compram a menores ou a indivíduos sem propriedades não são o produto do rabisco (roubisco é que devia chamar-se) como a primeira vista fingem crer, mas sim a «limpeza» feita durante a noite em árvores que estão por varejar. Sim, é que o negócio neste caso envolve contas de preto. O tal rabisco, no fundo, é um disfarce para o assalto à propriedade durante as horas em que o sol está a descoberto, como disfarce é a caça no tempo defeso, cujo fim principal está no estudo daquilo que se pretende executar às horas mortas da noite. Na freguesia de Salir caça-se todo o ano, de furão ou de matilha, em manifesta oposição à lei e em prejuízo do proprietário que no fim do ano conta com um sem-número de valados e muros arromados e com um enorme desfalque na colheita dos frutos.

Não são só aqueles que nada têm que se lançam no ataque à propriedade alheia, porquanto outros, pequenos proprietários, numa ganância que não se compreende procedem de igual modo, havendo sítios em que o latrocínio constitui autêntica permuta, e mal daquele que se descuidou, porque, em última análise, é este o autêntico roubado. Resultado: uma desconfiança geral e o varejo fazer-se de afogadilho.

A forma de assalto está tão generalizada e faz-se tão a descoberto que, há dias ou melhor, há noites, a guarda particular deparou com um desses filhos da noite que, sem mais rodeios, declarou que tinha de roubar determinada porção de alfarroba, fosse a quem fosse, porquanto tinha porcos à engorda e não estava disposto a sustentá-los de outro modo.

Mas não são só os frutos secos que atraem a mão baixa da fálperra; são as hortas e pomares. Plantar couves, tomates, melancias ou ter uma árvore de fruta é o mesmo que dar de comer a cem gatunos.

Perante um tal estado de coisas só a intervenção da autoridade se pode impôr e urge que se imponha, sob pena de cairmos no caos.

Urge criar na freguesia de Salir, servindo Alte, Querença e Ameixial, um posto da Guarda Nacional Republicana, um posto que acabe com o disfarce do rabisco de frutos, que acabe com a tavalagem na taberna e no café, que imponha ao balaceiro o registo, em livro próprio, do nome dos vendedores de frutos e respectivas quantidades e, sobretudo, que acabe com os «filhos da noite» e devolva ao trabalho útil essa vadiagem que já hoje constitui uma ameaça séria aos princípios da ordem, da moral e do trabalho.

J. G. P.

KODAK

STERLING — Nov a com bolsa de cabedal. Vende-se em conta.

Nesta redacção se informa.

Crónica descontraída

MAL EMPREGADA LINGUA

Por Sebastião Leiria

Motivos de sobejo têm os estrangeiros para nos taxar de faltos de originalidade e inventiva.

Realmente, afóra as gerações, que são criação genuinamente portuguesa, o poder criador da nossa gente, temos de concordar, é bastante limitado.

E não queira ver-se nesta afirmação um acto derrotista, desmoralizante, pois que não só o fazemos com acendrada mágoa mas também com as provas na mão e um fim construtivo debaixo de vista.

Desnacionalizante, por exemplo, é a passividade tolerante à torrente de estrangeirismos que, sem pagar direitos alfandegários, entra constantemente em Portugal que os recebe de braços abertos, sem se cuidar da pureza da língua.

Seria aborrecido citar os exemplos. São inúmeros e toda a gente os conhece pois têm largo consumo.

Toda a gente neste país, regra geral, emprega palavras estrangeiras, volta e meia, quer falando quer escrevendo.

Faz-se questão disso visto es-

Em Paderne

BRILHANTES FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Nossa Senhora da Esperança tem no bom povo de Paderne singular devoção, que bem é demonstrada pelas festas que em sua honra ali tradicionalmente se realizam. As deste ano, nos dias 22 e 23 do corrente, têm um programa bastante atraente, em que a respectiva comissão organizadora se esmerou bastante, a pontos de desde já se prever uma enorme afluência de forasteiros, para cuja deslocação se espera se realizem carreiras extraordinárias de camionetes de Albufeira, Messines e Boliqueime.

«Presto»

ao serviço da sua garrafeira.

V. Ex.ª pode possuir excelentes licores, na sua frascueira, com um dispêndio mínimo.

Bas ta visitar a mercearia de ANTÓNIO DA SILVA — Rua 5 de Outubro, 45 em Loulé, onde encontrará «PRESTO» no paladar que mais lhe agrade.

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

cia, o conteúdo, enfim, todos os pormenores que lhes possam servir aos seus fins de concorrência (ou curiosidade) e cujos pormenores não deviam, de maneira alguma ser assim postos com tanta «ligeireza» à disposição de quem os apeteça...

Parece-me bem terminar portanto estas despretenciosas mas infelizmente bem fundamentadas observações com um conselho à empresa exploradora deste serviço: — Arranjem local e encarregado um pouco mais de harmonia com a responsabilidade a ele inerente. E evitem conceder tantas facilidades na busca das encomendas visto que, além de desnecessárias desde que haja um pouco de arrumação, essas «buscas» podem tornar-se bastante prejudiciais a muita gente, só beneficiando exactamente aqueles que menos o merecem, ou sejam os mais desavergonhados...

Com o pedido de desculpas pelo precioso espaço que possa roubar ao nosso conceituado jornal, aceite, sr. Director, os protestos da mais elevada consideração.

Um comerciante

Crime repugnante e selvagem

Joaquim dos Santos, solteiro, antigo pedreiro, de 35 anos de idade, cumpria pena maior por um crime cometido na pessoa de um seu irmão. Não lhe abrandaram os instintos ferinos, o largo tempo em que, na Penitenciária, esteve enclausurado e embora tivesse sido bom o seu comportamento durante o regime prisional, a fera humana, que no seu corpo se albergava, reclamava mais sangue e vingança.

Não lhe esqueceu durante esse tempo que um seu vizinho fora sua testemunha de acusação e agora à solta, a sua preocupação era encontrar esse vizinho a sós. Conseguiu-o na madrugada do passado dia 3, pelas 5.30 quando esse vizinho Francisco Henriques, de 87 anos passava no sítio do Recanto da mesma freguesia de Boliqueime, de regresso da Fonte, onde fora buscar água. Ali, aquela besta humana vibrou violentas pauladas na cabeça do octogenário e depois de o ter derrubado crivou-o por todo o corpo com um instrumento perfurante, uma chave de parafusos, ao que se presume, roubando assim a vida a um velho bondoso e estimado, pai de 8 filhos e cujo fim Deus prolongara para vir a ter tão vil morte.

Perseguido por alguns populares o assassino fugiu, sendo mais tarde preso pela G. N. R. na estrada, a quem declarou que se ia entregar, não certamente por remorsos que não sentia, mas talvez pelo receio de que os seus conterrâneos o linchassem, possuídos de indignação contra tal fera.

O assassino confessou cnicamente o seu crime e recolheu à Cadeia desta vila, enquanto aguarda julgamento.

Concertos na Avenida

Sob a proficiente direcção do maestro sr. Mariano Guerreiro Domingues, que acaba de assumir a regência da Filarmónica União Marçal Pacheco, realizou-se no coreto da Avenida José da Costa Mealha dois concertos, um dos quais no sábado, dia 31 de Agosto, e o outro na terça-feira, 3 do corrente.

Ambos tiveram a assistência de bastante público, que teve o ensejo de verificar o «rejuvenescimento» da popular «Música Velha». A competência do seu novo maestro e a dedicação de bons elementos parecem ter-lhe insuflado uma alma nova, bem traduzida nos harmoniosos e vibrantes acordes dos números que executaram, com pleno agrado de quantos os escutaram.

Na terça-feira foi executado o seguinte programa:

1.ª PARTE

Pela Esquerda — Marcha — por D. Maia; Flores de Inverno — Sinfonia — J. P. Mineiro; El Relicário — Canção Espanhola — J. Padilla; Suite Portuguesa N.º 1 — A. R. Dantas.

2.ª PARTE

El Sitio de Zaragoza — Fantasia - Militar — por Ondrid; Libertinagem — Fados — por R. M. Franco; Certamen Musical — P. D. Español — Ricardo Dorado.

PRÉDIO

Vende-se um prédio, com rez-de-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

FONTE DA PIPA

ARRENTA SE esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira—Rua Ataide de Oliveira, 106—FARO.

Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

AGRADECIMENTO

Raul Rafael Pinto, em vias de restabelecimento da intervenção cirúrgica a que se submeteu no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, entende de seu dever, dar público conhecimento da sua profunda gratidão pela forma proficiente e habilidosa, como o ilustre cirurgião Dr. Manuel Cabeçadas o operou, mostrando possuir aquela agilidade, pericia e conhecimento que caracterizam os grandes mestres.

Ao sr. Dr. Angelo Delgado, que coadjuvou como anestesiolista, esta operação, aos distintos enfermeiros sr.ª D. Libânia Marum e José da Silva Maltesinho, pessoal servente e de cozinha, manifesta igualmente, a sua expressão de profundo reconhecimento.

E por último, à Digna Mesa da Santa Casa da Misericórdia e ao seu pessoal de secretaria, agradece também, reconhecidamente, todas as deferências e atenções que lhes dispensaram facilitando-lhe todas as comodidades que lhe proporcionaram a maior satisfação e relativo bem estar, durante os dias que teve de permanecer internado.

AGRADECIMENTO

Raúl Rafael Pinto, encontrando-se quase restabelecido da operação cirúrgica a que foi submetido no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Loulé, agradece publicamente por este meio, muito sensibilizado e reconhecido todas as provas de amizade, consideração e estima, que lhes foram prestadas quer pelas inúmeras pessoas que tiveram a gentileza de o visitar, de lhe escreverem e telegrafarem e ainda por aqueles anónimos que lhe enviaram imagens religiosas, orações e palavras amigas.

A todos, dos mais elevados aos mais humildes, consagra lugar especial no seu coração, não esquecendo tanta manifestação de apreço e simpatia de que se não julgava merecedor.